



Visado pela Censura do Porto **OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES** Ano V—N.º 123 Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
PAÇO DE SOUSA | 14 de Novembro de 1948 | Vales do Correio para CETE

A NOSSA TIPOGRAFIA

AQUELE *nossa*, representa a necessidade que temos d'ela, não, ainda, a tipografia. *Nossa*, quer dizer o desejo ardente que experimentamos de dar alimento às inteligências, enriquecer a Nação, implantando nestes rapazes o amor ao trabalho. O Cisco a trabalhar. A Crápula a produzir. O mundo inteiro a colher benefícios naquelas mesmas fontes sonda antes só colhia prejuizos. A nossa tipografia!

Ontem, no Porto, dei o sim, a tremar, aos Importadores dos maquinismos. Ele implicava o depósito imediato de um terço da factura, segundo o nosso contracto. Eu havia de entregar a terça parte de quinhentos contos, mas o Senhor com quem tratava, olhou para a minha aflicção e escreveu para a Suécia, a mandar vir.

Nós não temos um terço de quinhentos contos. Nós não podemos ter nada que se pareça com aquela cifra. Se tivéssemos, eu seria o maior mentiroso de Portugal a prègar constantemente a maior das mentiras.

Não temos ouro nem prata, sim. Temos a vida dos nossos *miraculados*. Para eles, o trabalho é questão de vida ou de morte. Quem nos ajuda?

Noutro dia, na cidade do Porto, falava-se na sorte de um rapaz pobre, doente, em necessidade extrema de um remédio muito caro. Era um grupo de senhores. Todos eles conheciam o rapaz,

a sua condição de pobre, a sua doença e também o remédio eficaz. *Ele morre. Vai morrer. Não tem meios.* A palavra corre de boca em boca, afogada noutras canseiras, sem raiz no coração. *Morre com certeza.*

Ora acontece estar ali um cristão; um discípulo de Jesus. Ouviu, tomou conhecimento, calou se muito caladinho, tirou da sua algibeira quatro contos e quinhentos, trocou-os por sessenta grammas do tal remédio e acabou. O rapaz está salvo.

Assim amam os discípulos de Jesus. Assim também, por muito falada, a nossa tipografia-escola tem sido muito discutida. Não há ninguém que não compreenda a sua vantagem, bem como a sua necessidade. *Ele precisa d'ela. Ele tem razão em pedi-la. E' um remédio estupendo para os rapazes da obra.* Quantas palavras semelhantes não há-de ter já passado na boca de grandes senhores, ós grupos, quantas?!

A obra perde muito por não ter a tipografia. E' pena que a não tenha. Que a não possa ter. Quantos, ainda, não hão-de ter concluído por esta grande desgraça.

E a verdade é que a ideia acabaria por morrer, se não houvesse, ainda, aqui e além, discípulos de Jesus. Eles verão a seu tempo. Eles têm de vir, que as máquinas já estão encomendadas.

Antes de ter lido com a minha tristeza aos Importadores, tinha estado nos Bancos, com a minha esperança. Expuz a minha doutrina, mas eles, os Bancos, tem também a sua... O mundo rege-se por máximas, que são os seus mandamentos. *Vale quem tem* é o primeiro d'eles. E' falso, sim, mas é o fio. E' o astro. Tudo gira em roda d'ele. De uma vez, parei numa cidade à porta de um cambista, a olhar para o letreiro: *Entre. Vale quem tem.* Barras de ouro. Moedas do mesmo metal. Notas. Títulos. O mundo respira por ali. Vive d'aquilo. Procura. Acredita. Tem pena de não ter, porquanto vale quem tem. Eu mesmo, se tivesse, não me faltariam facilidades em qualquer casa Bancária. *Entre... se tem.*

São as leis do mundo, diante das quais estamos e pelas quais nos regemos. Aquele moço, por força desta lei, teria necessariamente morrido, se não fora aquele Senhor acudir-lhe por amor d'outra Lei.

Ora a verdade está toda noutro sítio. Não é pelo verbo *Ter*, mas sim pelo verbo *Ser*, que cada um de nós há-de ser julgado. Cautela, meus

Muito importante

O domingo passado, 7 de Novembro, foi na Igreja de Cedofeita. Domingo seguinte, dia 14, será na Trindade. Outros domingos, será em outras igrejas. E' a tipografia. E' a nossa tipografia. Eu nem tenho dormido, com medo que as máquinas cheguem à alfandega e eu ausente. Por isso me quero meter nas igrejas, para onde se foge em maré de perigos. Foi assim no dia 1 de Novembro de 1755...

senhores e minhas senhoras. Leitores do famoso afeitos como estais ao amigo quinzenal, o Verbo que se fez carne, é. Ser, é o verbo do Evangelho. A Obra da Rua, que anda por aí de chapéu na mão a mendigar uma tipografia, não tem nada, sim, mas é. E'. Por este verbo será julgada, se agora não empenha os olhos da cara. Por aquele verbo seremos todos julgados no fim; e até pode acontecer que o ver ter, hoje tão doce, venha a ser *naquela hora tremenda* testemunha qualificada de acusação. Pode ser!

Lembra-te que no mundo tinhas tudo e Lazaro, nada. E' do Evangelho.

Sabe-se que ele seria mais cómodo deixar as coisas como até agora, a saber: Trabalho na tipografia do Senhor António Pacheco, da Rua de Santa Catarina, no Porto; e ele que se houvesse com os tipógrafos mais seus Sindicatos e Caixas e Seguros e Abonos.—Coordenação.

A gente pagava lhe um tanto por mês, como até aqui. O dinheirinho dos senhores assinantes, dos que pagam, continuaria a vir cá ter, como até aqui. Eu também continuaria a produzir, como tenho feito, artigos regalados, que os meus illustres leitores continuariam, da mesma sorte, a gozar, regaladamente;—e pronto. Sim. Seria mais fácil deixar as coisas assim. Mas não. Nós temos de escolher a melhor parte: Trabalhar mais e melhor. Ora eis.

NOTA DA QUINZENA

Trata-se da homenagem postuma a um sacerdote que vem relatada em o *Comércio* de Outubro findo. A data é de Fíães da Feira. *Foi uma grande homenagem de gratidão e saudade ao cemitério paroquial de Fíães*, como vem a dizer na gazeta. *Deixou fama pelo desprendimento dos bens materiais. Depois da sua morte os herdeiros nada tiveram que partir.*

Uma tarde, já sol posto, alguém bate à porta. Ele vai atender. Era um pobre envergonhado, seu freguês, a pedir pão para os filhos. Imediatamente foi ao armário e deu-lhe tudo quanto ali estava. A sua tia, ao pôr a mesa para a ceia, deu pela falta do pão. *Que fizeste Manuel? Não temos pão para a ceia.*—Tenha paciência, minha tia. Remediarei melhor que ele.

Estavam a começar a parca refeição, quando sentem bater à porta. Era uma pessoa que nunca ali tinha levado coisa alguma e naquela hora, leva num cestinho um bôlo quente ao seu abade.

Estou a transcrever. Nada disto é meu. A notícia termina por dizer que hoje arde uma lampada de azeite na sua campa e muita gente ali se ajoelha em oração.

Agora falo eu. Não é por vir no jornal que eu acredito em tudo quanto acima se diz. Não é. Jornais são papeis. Acredito, sim, por ser do Evangelho. Tanto assim é que eu, ao acabar de lêr, dobrei o *Comércio*, fechei os olhos e saboriei

O NOSSO JORNAL

Não sou só eu que o digo. Muitos assinantes também lhe chamam *o nosso jornal*. Querem que seja coisa d'eles. E como são muitos e muitos que assim dizem, eu chamo ao *Galato* um monumento nacional.

A venda no Porto, aumenta. Da vèz passada, chegou aos vinte e cinco centos! Os vendedores revezam-se; nem sempre podem ir os mesmos. Um dos novos, foi o *Fominhas*. Andava mortinho por ir. Ele é um dos da limpeza das casas. Foi submetido a um exame duro, na vespere, em tribunal.

Hipoteses de trocos, subidas ao electrico, cafés, ruas, praças, intervenções da policia, atravessar passeios, fugir dos automoveis,—tudo isto foi matéria de exame. Nem os que vão tirar carta de «pesados» são sujeitos a tais rigores como os nossos aqui, ao tira-la de vendedor do *Galato*. Só visto.

Fominhas portou-se bem. Respondeu a tudo e deu boa prova; vendeu a passar de duzentos exemplares.

A camisola amarela, continua na posse do Abel. Este está actualmente empregado no Porto. Não faz semana inglesa. Vende só ao Domingo, pelo que vai sofrer desfalque a venda. Não importa. O que eu muito peço ao Abel, é que mereça vir muitas vezes a Paço de Sousa matar saudades. Isso significa que ele tem o seu livro branco. Oxalá. Eu fico tão triste quando algum tem de regressar...

AQUI, LISBOA! LEIRIA

Não sei quem é que, lá para os lados do Club Tauromático de Portugal, anda a vibrar de simpatia e interesse pelas obras de protecção às crianças abandonadas. São cartas laudatórias; são donativos apreciáveis; são revistas com notícias de obras estrangeiras congêneres, etc., etc. Cautela, meu bom Amigo! Ouço dizer que o cristal quando vibra demasiado corre o perigo de estalar. O mesmo pode suceder com almas cristalinas como a sua. Pelo menos, não se exponha tanto às arremetidas dos touros (olhe o Manoleto) como se tem exposto à febre contagiosa dos que mourejam no nosso campo. Basta que nos queimemos nós.

Pois, já que tanto se interessa pelo problema agrícola desta casa, aqui lhe conto algumas das dificuldades que de momento temos de resolver. Pode ser que entre os seus amigos, digó melhor: entre os nossos amigos, saiba de algum que tenha a possibilidade de encontrar os XX e os YY, destes problemas.

Em primeiro lugar vamos às dificuldades gerais.

Estamos no centro da área reservada aos saloios de outrora. A maioria deles dedicava-se aos trabalhos do campo. Eram, e são ainda, mestres no aproveitamento do terreno. Pois não vejo nenhum rico.

Logo que se fundou esta Casa, fui abordado por muitos deles, para que eu reclamasse justiça a seu favor. «Trabalhamos noite e dia para ganhar o nosso pão, criamos os nossos animais, vendemos o leite e afinal não no-lo pagam. Se o não vendemos, ele estraga-se; se o vendemos, nunca mais recebemos o dinheiro... Isto é viver para não morrer». E davam-me todo o produto do leite, se eu o arrancasse das mãos dos abastecedores.

Ainda há pouco, novo clamor. Os saloios carregam os seus carros ao cair da noite. Partem às dez ou onze horas para chegar à praça às quatro ou cinco da manhã. Às seis horas descarregam e começam a vender; às nove têm de abandonar a praça. Se se descuidam, veem-se obrigados a vender ao desbarato e lá ficam outros a encher-se com o produto do suor do seu rosto.

No último domingo, o Pedro João, viu estar a pedir quinze escudos por um ramo de flores que ele tinha vendido por dez tostões.

As dificuldades agora aumentaram com o

novo regulamento do trânsito das carroças que não podem entrar na cidade. E' o progresso que eles não podem acompanhar. Daí o clamor.

Depois vieram as fábricas complicar também a vida da lavoura. De Lisboa a Alhandra elas siliham por aí fora. No engodo das oito horas de trabalho, a grande maioria dos agricultores fugiu para lá. Resultado: um trabalhador do campo chega a ganhar, em certas épocas, oitenta escudos diários. A horta não compensa. Temos pois de sofrer o mesmo mal dos nossos vizinhos.

Agora vem as dificuldades particulares. As nossas dificuldades.

O caseiro acaba de retirar. Ficamos com o chão livre, mas depeñado. Nem pastos, nem sementes, nem adubos, nem alfaias e nem transportes, à frente de nós, 18 hectares!

O caseiro semeou, no ano passado, 2.000 quilos de trigo, 500 de milho, 200 de cevada e outro tanto de aveia, ervilhas, feijão etc. Nós não temos nada disto para lançar à terra.

Precisamos de milhares de árvores fruteiras, bacelos e árvores florestais.

Precisamos dum tractor e apetrechos complementares; dum camionete e mais motores. O Overlande que faz maravilhas, não leva couves à praça, não traz pedra nem areia, nem madeira, nem lenhas.

Precisamos dum casal agrícola completo, abrir poços, reparar tanques, abrir esgotos, levantar muros.

Temos de começar com a nova aldeia e restaurar as ruínas que a maldade dos homens e o desgaste dos séculos provocou nos palácios.

E mais não digo para o não desanimar. Há tempos o Octávio dizia assim para uma visitante: Olhe minha senhora, quando estes 50 patos começarem a fazer ovos, isso é que vai ser: São ovos e mais ovos! E com o gesto abrangia o palácio inteiro como se ele fosse pequeno para tantos ovos... Ora eu não me deslumbro com os 18 hectares, nem com a proximidade de Lisboa. Não!

A nossa riqueza são os Rapazes. O valor da quinta está nisto: garantir-lhes trabalho, ligá-los à mãe-terra, à natureza, à vida; criar-lhes o amor ao trabalho, far-lhes esquecer o passado, lembrar-lhes o poder criador de Deus, a Providência.

O resto são ovos de pata e cantarinhas de Mofina Mendes...

P.º ADRIANO.

Como tivesse obtido uma oportunidade para ir ó palco de Leiria com o Documentário da nossa aldeia, estando o Morris pronto a rodar, eis que vem uma telefonadela de Maceira—Liz, a dizer que fôsse eu ali também, visto Leiria ser perto. Pronto. Lá vou, disse. Dois coelhos de uma só pancada.

O primeiro coelho, foi no cinema da Casa do Pessoal da Fabrica, um mundo social regido pela doutrina social da Igreja. *Rerum Novarum* em marcha, e já com dentes e a comer pão, quando chegou a doutrina social do Estado Novo. Os senhores convidaram-me a ir ali passar um dia inteiro e eu disse logo que sim. Vou e trago um vagonsinho de cimento para as nossas obras...

A fita agradou e a casa rendeu perto de quatro contos.

O segundo coelho, foi na capital do distrito. Começou às 21 horas. Casa cheia. O espectáculo foi pago á saída. Muitas bandejas de prata, às portas do teatro. Foi-se a vêr: por mais uns tostões, chegava-se ós dez contos! Muito bem. Muito bom. Teatro pequenino, cheio de gente grande. Anonimos. Anonimo, quem promoveu e trabalhou para que eu fosse a Maceira. Anonimo, quem promoveu e trabalhou para que eu fosse a Leiria. Anonimos todos quantos ali estavam. E até, trez operários da Fábrica de Cimento que quizeram fazer horas extraordinárias para assim darem algo mais,—tambem esses são anonimos. Gosto do calado, sim, mas nem por isso valem menos por não serem nomeados. Se eu falasse, vinha o mundo e agradecia; porem mais vale a mercê que vem de Deus. Oh recompensa!

Padre Adriano do Tojal, como estava informado da minha jornada e lhe cheirasse a dinheiro, compareceu. Padre Manuel, á minha passagem por Coimbra, meteu-se no carro e nunca mais me largou. Pelo caminho, foi contando os seus amargos de boca e produzindo contas e facturas. *Olhe esta é que é de mais necessidade.* Era uma conta garantida de 16 mil escudos. *E' da pintura da casa. O homem não pode esperar. E' pobre.*

Eu escutava, ao mesmo tempo que gemia, tambem, as dores dos meus encargos e acabei com a conversa dizendo: *Oh rapaz, deixa ver quanto nos dão e ao depois falaremos.*

Catorze contos um nadinha ratados. Ali estava o dinheiro, tal qual saíra das algibeiras dos anonimos, e nós, os três, na presença d'ele, em casa do Senhor de Leiria que nos tinha aberto as portas da cidade, e ainda por cima nos quiz dar de jantar! Estava Padre Adriano. Estava Padre Manuel. Estava eu. Estava o dinheirinho em notas e moedas. Um monte. O pômo...!

—Adriano não levas nada. Ninguém te cá chamou. Ele não chega pró pintor da casa de Miranda. Não se deu por conformado o Padre Adriano, e apresenta a necessidade urgente de uma canalização de 200 metros de esgôto em tubo de grez. Foi então que eu desatei a expôr as minhas vistas sobre a manutenção da casa do Tojal, afirmando que Lisboa é que tem a palavra. E disse mais: Que Lisboa se não enfeite com o nome de rainha do Tejo e faça pouco do Porto. Porquanto, se na verdade quer ser rainha—seja Rainha!

E disse mais ainda: Se não, fecha as portas da casa, entrega as chaves ao Alcaide e vem-te embora. E não lhe dei cheta!

A' passagem por Coimbra, tinha subido a Miranda, onde pernoitei. Sabia-se que eu ia. As obras da casa terminaram. O meu quarto estava armado. Os rapazes esperavam-me todos ao fundo da quinta. Mal avistam o Morris, começa o berreiro, e no meio do berreiro, mostram-me todos os aposentos da nossa vivenda. Eram 42 cicerones! Escolas, salas, casas de banho. Varandas. Terraços. Finalmente o meu quarto: *Andamos todos hoje aqui a esfregar.* E estavam todos ali dentro do meu quarto a explicar! A música da nossa obra, é a mesina em todas as casas. Nós cá fugimos a toda a regra do Internamento, e vivemos sem regra.



Lêde e propagai
"O GAIATO"

O NOSSO JORNAL

(Continuação da primeira página)

A tiragem do famoso, está em dezanove mil e quinhentos. Não vai nada de vagar; a gente é que tem muita pressa de chegar á casa dos trinta. Trinta mil!

Ontem, entrando eu na Redacção, vem o Alfredo e diz-me: *estão ali todos a um canto.*

—Todos quê?

—Os caloteiros.

Era uma rima de tiras brancas, dispostas no fundo de um armário.

Claro está que aquêlê nome é feio e não passa aqui no jornal.

Não senhor. Esquecidos. Os esquecidos. Assim está bem. Agora o que eu não gostei foi de ter ouvido o canto. *Estão ali todos a um canto.* Deu-me pena! A arrumação. O desdem. *Ali a um canto!*

Eu cá se fôsse ós senhores, mandava dizer já na volta: *Suspenda.* E assim, poupavam-nos o trabalho de perguntar. Dava tudo tão certinho e ficavamos todos amigos como dantes. Ora vamos a vêr.

Uma rima de linguadões brancos. Cada nome é um epitáfio. Ali jazem eles. Um jornal que semeia a vida e tem na redacção um cemitério! Cada tira de papel, é uma lousa sepulcral: — *Aqui jaz o senhor fulano de tal!* Oh pena das penas!

Não fôra o canto, e nós poderíamos fer uma vida mais desafogadinha: Pagar os nossos encargos com mais prontidão. Dormir melhor as noites. Fazer bem as digestões. Trazer os nossos decentemente calçados. Dar á noite conduto, em vêz de sôpa sómente. Tanta coisa boa que a gente podia fazer se os do canto resolvessem tomar às direitas; tantas!

Mas nem por isso me dou por infeliz.

Eu vou pedir ós da Redacção que guardem a lingua e olhem para o que fazem, em vêz de olhar para os outros. O Cete, noutro dia, trocou os pacotes e lá foi para Lisboa o que havia de ser

para Coimbra. Cola muitos endereços com as pernas pró ar. Muitos jornais vão sem endereço nenhum e os correios, amigavelmente, fazem um pacote d'eles todos e devolvem aqui para endereçar.

Mandam às vezes dois e trez exemplares para o mesmo senhor, e quando calha, deixam sem nada o vizinho.

O Cete e o Armando, pegam-se muitas vezes na redacção, em pleno exercício, e por causa das suas funções, a pontos de ser preciso ir alguém apartar, que o Avelino não pode! O Alfredo, o tal que repara nos que se esquecem de pagar, anda sempre de dedos e unhas cheinhas de tinta, e á meza aonde ele escreve, é uma porta de drogaria e no chão, não se fala. Noutro dia, foi um tinteiro todo! Lá está no chão a tinta. E mais. E mais.

Ora quem assim é que se cale muito caladinho, e neste meio tempo, pode muito bem acontecer que haja um ressurgir universal. Amen.

Agora o que é muito animador são os novos assinantes que se apresentam ou são apresentados; por carta ou pessoalmente; para o País e para o Estrangeiro. Isso sim. Neste ponto, em lugar de queixa, há mas é regosijo.

Não tem vindo um dia ao mundo sem um assinante no ventre. As vezes mais outros, um pequenino exército. Que bom!

E' assim. Chega o Avelino com o correio. Puxa uma cadeira. Toma a faca de abrir cartas e começa a abri-las. Antes de o fazer, mira e remira por fora: *Trará?* pergunta êle. Eu cá, como muito o desejo, digo logo que sim. *Traz sim senhor.* Às vezes engano-me. Às vezes vem a dizer *suspenda.* Já tem acontecido vir a dizer: *não tenho tempo de lêr o seu jornal!* E outras notícias assim. Mas isso é raro. *O queira mandar o jornal,* é muito mais frequente. O elogio, isso nem se fala.

Seja como fôr, o que nós pretendemos é que nos conheçam e amem através d'ele. Que chegue á saturação.

Outra vez

por aí abaixo

Lisboa. P.^o Adriano mais eu, começamos a via sacra às dez horas da manhã. Nesse mesmo dia, saiu nos jornais o novo horário dos serviços públicos. A's nove, começa a máquina a funcionar. Eu nem quis acreditar; de contente. A massa dos portugueses pensa da mesma sorte. Tem de pensar, ou não se interessam pela Nação. Oh horas perdidas! A primeira esperadela, era até às onze horas. A segunda, era pelos senhores. Os senhores, segundo a sua categoria. Quanto mais alta, mais tarde. E assim perdíamos a parte mais formosa do dia; a manhã. Agora não senhor. Viva quem manda.

Pois é verdade. Os dois padres da Rua a jardinar pelas ruas de Lisboa. Fomos ao Governo Civil e também ao comando da Polícia de Segurança. Ou nós não fôssemos padres da Rua. A Igreja também está interessada, muito interessada, nos valores humanos que nas ruas se perdem. Conquanto os dela, os interesses da Igreja, não sejam precisamente os mesmos que os da Polícia, contudo, os dois, completam-se por tal maneira, que um sem o outro não formam nunca um todo.

Quer o primeiro Senhor quer o segundo, receberam-nos nas palmas da mão. Quanto não devemos nós à nossa missão de padres da rua—quanto! Nela, com ela, e por ela, nos santificamos e levantamos as almas. Sim. Fomos muito bem recebidos e fervorosamente atendidos nas nossas petições.

Os nossos conhecimentos, porque colhidos na prática, são idênticos e daí, também o são as ideias. O Comandante da Polícia, reprova a esmola nas ruas e relata casos e casos das suas nefandas consequências. E' tudo como ele diz. Numa barraca de Xabregas, morreu um pedinte das ruas com dezenas de contos metidos nos farrapos. Um pedinte de certo bairro, fazia a diária de 60\$00. Um outro, a quem curaram as feridas, saído da cama, foi logo abri-las com um canivete. E mais. E mais. E mais. E' a nossa piedade que faz tudo isto. Piedadezinha. São os senhores que precisam de dar o tostão para que os vejam. Não conhecem a esmola escondida.

No Governo Civil, também as ouvimos boas e bonitas. São idênticas às que por experiência conhecemos, no dia a dia da nossa missão. Cá e lá más fadas há.

O caso mais frequente, é o *menino* da creada de servir, que o Governador Civil expõe com muita graça e com muita verdade. E' assim: chega a rapariga a Lisboa e vai servir. Aprova. A senhora começa a gostar muito dela; a afeiçoar-se. Nesta altura, a creada conta-lhe a sua história. Deixou um *menino* na terra. Está com uns tios. Mas os tios não teem meios. A creança passa maus bocados; e fica a história por ali. A seguir, vem uma carta dos tios, aonde diz à creada, que os senhores é que podiam arrumar o pequeno em Lisboa. Nova conversa da creada, a qual, a este tempo, tornou-se insubstituível, de tanto saber. Ela mostra a carta à senhora. A senhora lê. Vem lá a falar da influência, da importância, do nome: *Se os teus senhores quiserem, eles podem tudo.*

A senhora leu a carta. Se muito gostava da creada, agora muito mais. O seu nome, a sua influência, a sua importância, já andam na boca do tio! Ela nunca tal cuidou!

Toca a fazer o memorando para o senhor Governador Civil. Escreve-se ali tudo. O abandono, a desgraça, os maus tratos. Os perigos morais. Um estendal.

A senhora leu o documento à sua creada, que achou muito bem. Mete-o na saquinha de mão. A's cinco, vai, na forma do costume, ó chá, mai-las outras senhoras e como está no Chiado e o Governo Civil fica ali perto, ela despede-se e vai fazer *caridade*. Expõe o caso à Autoridade competente e implora. *O inocente, coitadinho*: E a autoridade, que precisa muito do tempo todo para tratar de coisas sérias, tem de estar ali a ouvir uma história desnecessária e inútil e até nociva. Porquanto, coisas de justiça, só a justiça. Que seja chamado o pai do *menino* e acabou. Assim é que está certo.

Ora eu, estava escutando e sublinhando. Por cá, também assim é, somente, como moro muito longe do Chiado, não soffro tanto como os Governadores. Vem a carta, eu começo a ler; chego o *menino* da creada rasgo e acabou. Já não acabo de ler.

Doutrina

Num comício caseiro de gente que vai à missa, discutia-se a Obra da Rua; e que era preciso chamar a contas o fulano (eu) e saber dele (de mim) para onde vai tanto dinheiro. Melhor fôra que viessem apalpar as obras, porque vê-las, não. São cegos. O género comicieiro, mesmo que vá à missa, fala mas não entende. Olha mas não vê.

Já antes da Obra da Rua começar as obras de Paço de Sousa, um outro comício caseiro, mostrava outra preocupação. Mas ele (eu) cuida que vai arranjar o dinheiro? Aonde? Está doido (eu).

Ora muito bem. Postas as coisas, vamos a um bocadinho de doutrina, também caseira.

A dúvida dos do último grupo, deve estar há muito dissipada. Eles são testemunhas. As obras nunca mais pararam e ninguém se queixa de que a gente não tenha honrado os seus compromissos. Todos os compromissos. O dinheiro veio, está vindo, virá. As obras estão à vista. Pena é que, morando os duvidosos tão perto delas, só de longe as enxerguem. Remorsos? Quem dera!

Quanto aos do segundo grupo, os das contas, vão dar ao mesmo sítio, ainda que por caminho diferente. Uns afligem-se porque se recebe muito dinheiro, outros porque jámais se receberia; e tudo isto quer simplesmente dizer ausência de espírito de fé. Mais nada. Mais nadinha.

Ora nós, meus senhores, recebemos na verdade muito dinheiro, sim, mas notem que não é porque o pedimos. O pedir é um acidente da nossa obra. A essência é outra e é justamente por ela que nos vem tudo. Se amanhã suspendêssemos o *Gaiato* e os padres da Rua fizessem o mesmo à sua voz sem, contudo, deixarem de ser fiéis; se assim acontecesse agora ou venha um dia a acontecer; meus queridos senhores, nada de aflições. As obras não de continuar, se ainda forem precisas; e os donativos não de afluír, na medida em que deles houver necessidade. Esta doutrina é certa.

Há muitas obras congêneres no mundo, aonde os responsáveis se queimam em silêncio, e as coisas vão lá ter. O que importa é a gente queimar-se, oh homens de pouca fé! O que importa é amar, oh homens de pouca fé! O mais é acréscimo. Vem por acréscimo. Quer dizer, Deus não deve nada a ninguém, mas uma vez que por misericórdia, diz que sim, dá sempre mais, muito mais. O Seu poder está aqui. A Sua medida é esta.

Ora eu peço aqui muita desculpa se por ventura sou impertinente, mas a verdade é que eu vejo tudo tão claro e tão simples à luz do Evangelho, que nunca dei fé da tal grandeza da obra que espanta o mundo, a ponto de tanto mundo falar dela! Nunca dei fé!

Nota da quinzena

(Continuação da primeira página)

por largos minutos. Tão bem faça à alma dos meus leitores, como fez à minha, o conhecimento da notícia.

O sacerdote foi ao armário buscar o pão que ali estava, levado e comovido pela necessidade do seu irmão, que era, também, seu freguês. A governante, aflige-se. Ele não. Afligiu-se pelo irmão que não tinha, sim. Mas por ele, não. Deus vela pelos seus. Aí vem um homem que nunca tinha ido ao presbitério. Que quer ele? Trazia num cestinho um bôlo quente. Era o mensageiro celeste, que vinha saldar as contas. Talvez não fôsse o melhor homem da freguesia. Quem sabe se o pior?! O Bem arrasta o Mal. Os Bons arrastam os Maus. Seja como fôr, naquela noite, à ceia, houve bôlo quente por pão de ontem!

São assim as contas que Deus faz. Mais. Com a morte deste sacerdote, ficou no seio da família a saudade e a paz: *os seus herdeiros não tiveram nada que partir*. Oh riqueza! Oh verdadeira riqueza sacerdotal!

Mais ainda. A memória dos justos permanece. O povo daquela freguesia, ajoelha na sepultura do Pobre e a candeia de azeite, acesa, dá testemunho da sua glória. E mais nada.

Visado pela Comissão de Censura

Do que nós

necessitamos

Ele do Ribatejo, ele de Tabuaço, ele de Oliveira do Hospital, ele de Proença-à-Nova, ele de S. João da Madeira. Ele no *Depósito*, e ali então, é que é! Pacotes e cartas e saudades e beijos e dinheiro. A gente não vence, não abarca. Por muito que nós damos é sempre muito mais o que recebemos! Simplesmente espantoso!!

Há pequeninas notas que escaldam;—*Para o príncipe com um beijo*. Outra: *De um empregado estes 100\$00*. Mais. *São pobres mas dados com muito amor*. O *muito amor* vem sublinhado a tinta encarnada. Sangue! O *pobres*, refere-se a talheres. Talheres que nos deram. Que bom! Mais talheres, sim. Sobretudo colheres, isso é o que nos faz mais falta, como vem a dizer em o *Isto é a Casa do Gaiato*. Nos pacotes de roupa, não falta o sinal da Cruz: *E' de gente viva e saudável*.

Há uma carta que não traz o sinal; traz a loucura da Cruz: *No meio de circunstâncias económicas muito embaraçadas, resolvi mandar este dinheiro, para a Obra*. Esta música, não é para todos os ouvidos.

Mais outra carta muito linda, de Lisboa: *Se já não vou a tempo de ajudar a Consoladela, sirva-me de consolação esta ajuda*. São duzentos escudos.

Eu acho adorável a palavra *Consoladela*. Só em O Gaiato se podem usar estas palavras cheias de vida e de calor, feitas e ditas pelo povo! *Consoladela!* Nos outros jornais, não senhor. Os grandes jornais, usam só palavras grandes; e muitos adjectivos.

Também de S. João da Madeira meia dúzia de pares de sapatos. Oh luxo! De dentro de um pacote, do Estoril, vinha um poema assim. *Mal feita, certamente que vai, mas não é falta de carinho é que não sei fazer melhor*. E' uma camisola de lã.

Aqui de ao pé da porta, um carro de centeio. Um milagre! Não feito por mim; eu sou natural da terra, nascido e baptizado a dois quilómetros da aldeia. Sou da porta. Não faço milagres. Mas fê-lo o D. Francisco d'Ataide Malafaia. Bem haja, Senhor. Faça mais.

Mais eu que descia a rua e oiço vozes num portal:

—E' ele.

—Não é.

—Olha que é.

As vozes deslocam-se de onde estavam e vêm em tropel. Eu oiço. Atraso os passos, de manhoso... Não há ninguém em Portugal que tanto aborreça o dinheiro e que tanto procure dinheiro como eu; ninguém! Sim. Atrasei o passo, de manhoso... As vozes tomam a dianteira, olham e perguntam se eu é que sou. Eu disse-lhe que era. Carteirinha na mão, duas palavras sonoras e uma carapuçada. Que pena tenho de as coisas não andarem sem dinheiro! Agora mesmo vejo um decreto a mandar fazer mais. Mais. Cunhar. Dinheiro p'rá frente.

Eu antes queria conchas do mar ou cantos de vidro ou outras coisas que não fizessem mal. Tanga. A tanga. Regressar por um século, até ver se os homens assentam, e ao depois voltar ao progresso, com mais juizinho do que actualmente.



O nosso João Maria, faleceu. Foi em três dias. Todos os cuidados. Todos. Os Sacramentos também. Tive a consolação de assistir: *Per istam sanctam uncionem...* O Armando, enfermeiro, fechou os olhos. O António, carpinteiro, fez o caixão. O entêro foi nosso. Morte preciosa. Mais uma luz que temos no Céu.

O João Maria Vieira era natural da Murtoza. Aqui em casa, foi sempre o das capoeiras, mas também ajudava os outros nas suas obrigações; pelo que tinha na aldeia grandes simpatias e deixou em todos muitas saudades.

Isto é a Casa do Gaiato

ONTEM houve aqui um tribunal, aonde eu expuz os meus desânimos e pedi conselho aos chefes. São as colheres. As colheres de mesa. Não há dinheiro que chegue! Ainda há coisa de três semanas que se preencheram as faltas e ontem, havia nas mesas 16 rapazes sem colher!! São os mais pequenos que saem do refectório com elas nos bolsos e vão de volta repar os tachos, à porta da cosinha. Tachos muito grandes, comida muito agarrada, colher muito fraca e o resto já se sabe... E' um sumir de colheres. O Bucha, finório, antes que o acusassem, adianta-se e acusa outros, mas todos nós sabemos aqui em casa que ele é o maior rapador. O Bucha foi imediatamente expulso da cosinha, aonde era ajudante, e entregue ó Sejaquim que lhe dará o arroz!!

O Arouca dos porcos, comunica que tem encontrado no balde bocados de colher. Um dos maiores, faz outra comunicação: como ós domingos o pequeno almoço é feito de pácaros de leite, alguns dos mais pequenos que fazem? Colheres no bolso ao sábado à noite! Para quê, perguntei eu? E ali no tribunal; soube tudo. E' o medo. O medo de não terem com que comer as sopas. E' a segurança. Ora muitas colheres ficam por lá! Ao passo que ouvia estes e outros depoimentos, ia ficando cada vez mais desanimado. Foi então que se tomaram medidas rigorosas. Mãesinha e Bucha, fora da cosinha. Sábados à noite, revista às algebeiras. Todos os dias e a todas as refeições, cada chefe de mesa bota sentido e obriga cada rapaz a pôr ali a sua colher. Refeitórios, conferem. Vamos a ver.

COMO o tempo tivesse arrefecido e eu sentisse frio na cama, por falta de roupa, queixei-me disso ao meu criado de quarto, o Arlindo de Santo Tirso. Ele ouviu, e ficou triste. Ele é da escola da noite, tem uns doze anos de idade e dormia nos palheiros. Ficou triste.

Momentos não eram passados, quando ele entra no meu escritório. Vinha transformado. Era um sorriso celeste. Já lá tem um cobertor. Muito bonito. Muito quentinho. Venha ver. Eu fui. Um cobertor de lá cor de laranja, com ramagens brancas, preciosidades que foram do teu bragal e hoje são nossas. O Arlindo, corria-lhe a mão por cima: Olhe que quentinho!

Eu quizera amar como ele. Quizera amar como as crianças sabem amar.

Bonito e quentinho, por ser para mim. Na cama dele, seria unicamente um cobertor.

HOUE necessidade de fazer umas transferências de pessoal cá na casa. O Bucha mai-lo Mãesinha tiveram de ser irradiados dos serviços da Casa-Mãe; um por partir as colheres quando rapava o tacho; outro por não prestar para nada. Nas vezes deles, mandou-se vir o Franquellin, que era da erva. Fui eu que o mandei chamar. Apenas visto na sua nova ocupação, oiço um recado dos Responsáveis: Cautela, olhe que o rapaz não é de confiança. Ora eu sei que o não é, mas gostei que mo dissessem. Com este aviso tive pé de me dirigir ao perigoso. Olha o que me dizem de ti. E disse, disse. O Franquellim é das ruas do Porto. Já o mandei por lá a ver se alguém diz quem ele é e veio-se embora sem notícias. Aqui em casa, tem má nota. Mas eu quero ama-lo por isso mesmo. Quero ama-lo por causa da má nota.

O rapaz ouviu o que eu disse. Ouviu tudo. Percebeu tudo. Nisto levanta as duas mãos, encara-me e exclama: Não tenha medo. Não há-de haver azar.

TAMBÉM mandei à terra um outro buscar os seus documentos. Foi na companhia do Pastor, que é de Raimonda. Foi num domingo. Não os trouxe. Não os tem. O Pastor, contou aqui em casa, que o povo do lugar, ao ver de novo na terra o indesejável, fechava as portas, de medo!

Nós não temos medo. Nós não tememos ninguém. O rapaz anda contente. O's domingos, deixo que ele cicerone e recebo à noite, das suas mãos, os dinheiros que me entrega. Será tudo quanto lhe deram? Não sei. Eu digo-lhe sempre um segredo...

Falo-lhe rentinho ao coração... O dinheiro, às vezes tem seu valor. Pode-se salvar aqui por dinheiro, quem, com ele e por ele, se perderia. O povo da terra fechou as portas ao ver o rapaz!...

CHEGOU a hora de eu fazer a barba e Piriquito não aparecia. Procurado, nada. O Piriquito. Nada! Outra vez. O Piriquito. Nada!! Eu tra-

tei de outro serviço, para não perder tempo.

Manhã alta, aparece o rapaz. Apanhei uma eserevideira, foi o recado que ele me deu. Tinha andado ós pintassilgos com o alcapão que o Avelino trouxe do Porto, e em vez de pintassilgos, cai uma eserevideira. O alcapão não deu resultado. Não caem pasearinhos, de tantos rapazes que ali vão ver se já caiu algum!...

HOJE de manhã, no refectório, o barulho passava das marcas. No refectório dos Batatas, da mesma sorte. Papas. Eram as papas. Os deles que costumam ter leite, hoje não o quiseram. Papas. Mas que tinham elas de extraordinário? Sarrabulho. Papas de sarrabulho. O cosinheiro assim o determinou. Já na véspera, ele me dissera, quando lhe dei as boas noites: Amanhã é que vai ser. E foi: Pratos no ar: Dá cá mais! Na cosinha, eram o Xancaxé e o Arouca dos porcos e o Zé da cozinha a rapar. As do fundo é que são boas, ouvi eu da boca do Arouca. Dei voltas e voltas às mesas dos refectórios, extasiado. Ali estavam eles, os tais difíceis, os tais dilinquentes, os tais perigosos, para quem se julga ser necessário tomar medidas rigorosas, mas não. Papas. Papas de sarrabulho, feitas e servidas por irmãos e comidas por todos. Isso é que é.

A farinha era do nosso milho que eles, a seu tempo, semearam e colheram. O Rio Tinto, que tem à sua conta o moinho e o forno, é que a deu. Farinha! O mais à mão, o mais universal, o mais necessário. Na saúde e na doença, — farinha.

E' na farinha de trigo que se esconde hoje Jesus de Nazaré, a chamar! A Hostia. O Escândalo!

O Norberto, refeitoreiro dos senhores, estava hoje ocupado com uma fechadura na gaveta do aparador.

—Que fazes tu?
—E' para fechar os moletes. Ele sabe aonde está e com quem lida... Também ele, a princípio, costumava ir ós moletes. E' melhor guarda o que foi maior ladrão.

ELES foram aqui à feira dos 23, comprar maçãs para mim. Já descobriam que eu gosto muito delas e é verdade. Eu morro por maçãs. Trouxeram um quarteirão. Ora muito bem.

Ontem, o refeitoreiro, veio ao escritório com três maçãs para a merenda. Trazi-as num prato e uma faca: Aqui está a merenda. Coloca o prato ao pé de mim e espera. Eu disse que não. Olha não me apetece hoje merendar. O pequeno refeitoreiro insiste: Ande. São da feira. Olhe que boas.

Devia ter comido uma, para lhe fazer a vontade. Sim, devia. Mas fiz melhor: Tira uma para ti.

—Então vou assentar, diz ele. Nisto, rapa da algebeira um papel, aonde tinha escrito o número 25. Trazia um lápis e escreve: 1 para mim.

Eu não lhe perguntei nada, mas sei o que se passa na alma desta joia. Ele sabe que eu gosto de maçãs e como são muitos aqui em casa do meu gosto, para as salvar, ele faz escrita! Eu vi o papel. Vi o algarismo da entrada total e das saídas: 1 para mim.

Tudo muito certo, muito apurado. Ele têm-nas na gaveta dos moletes e anda com as chaves na algebeira. Oh joia, que andavas perdida pelas ruas de Gaial!

Fugiu por duas vezes. Duas vezes regressou. Hoje é uma figura da Aldeia. E' o Norberto. Tal o zelo da sua obrigação, que faz escrita dela. Amanhã, no seu emprego, será na mesma. De rapazes assim, saem grandes homens. Fiel no pouco, fiel no muito.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

por JOÃO PEDRO

1 Não esta muito longe o Natal. Como é o primeiro que cá passamos ainda não temos um presépio. Mas parece-me que há uma senhora em Lisboa que anda a ver se o arranja. Era tão bom que cá tivéssemos um, para os novos rapazes saberem como Cristo veio ao mundo, porque alguns deles nunca viram nenhum.

Andamos também a ensaiar a Missa dos anjos para cantarmos na Missa Nova do novo assistente. Ele deve ser ordenado ainda este ano, talvez pelo Natal.

2 No dia de Todos os Santos fomos visitar a fábrica de papel da Abelheira que faz o papel Tojal e que fica a um quilómetro da nossa casa. Fomos de tarde e levamos castanhas para fazer um magusto. Como a fábrica é muito grande, só de lá saímos quasi à noite, não tivemos tempo de o fazer, mas comemos as castanhas que, mesmo cruas sonberam bem. Foi o senhor Silva que aa deu.

3 Todas as semanas temos apanhado umas mãos cheias de hortaliça para levar para a praça. Os trabalhadores apanham as couves, e nós catamos as vagens dos fajoeiros, outros lavam os nabos no tanque. Carrega-se uma carroça e espera-se que passe a camionete que leva a nossa hortaliça e a dos outros. Depois manda-se de carroça para a camionete que segue às duas da manhã para a praça da Ribeira. Já é por duas vezes que eu vou com o hortelão. Saímos daqui na camionete da carreira das quatro e meia da manhã para estarmos na praça às seis horas quando ela abre. Quando lá chegamos já a camionete está descar-

regada e às vezes já estão fregueses à espera. Nós temos vendido muito bem, só nas ultimas vezes temos trazido perto de 300\$00 em cada vez. Mas já sucedeu a mesma carrada render só 50\$00. As couves às vezes chegam lá todas estragadas, com os tombos que apanham. Se eles partissem daqui numa camionete nossa, chegavam lá a valer o dobro. Qualquer dia vendo fozinho. No domingo passado fui vender a hortaliça, depois vendi os meus 50 jornais e ainda fui ajudar a vender os dos outros.

4 Cada vez vamos vendendo mais à vontade o «O Gaiato». Até aqui andávamos corridos daqui para ali pelos polícias agora já não nos fazem mal, ainda nos mandam para os sítios melhores. O Senhor Padre Américo foi lá falar com o Senhor Comandante a tudo se arranjou. Neste último número vendemos 600 e ainda não chegaram.

Os senhores administradores podem mandar mais 50. A senhora dos bois mandou a balança que tinhamos pedido e um pneu para a bicicleta.

5 O Zé Maria aquele rapaz que só abria a boca para mentir e que dizia que o melhor amigo dele era o prato da sopa, andava sempre a dizer que só queria ir a Lisboa ver a campa da mãe. No dia de finados, o senhor Padre Adriano, por ele se ter corrigido, chamou-o e disse-lhe que podia ir visitar a campa de sua mãe. Ficou todo contente. Partiu sozinho daqui às 10 horas e regressava à tarde e apresentou as contas muito certinhas. Uma Senhora deu-lhe de comer em Lisboa. Ele diz que foi ao cemitério do Alto de S. João e que rezou o terço junto da campa da mãe.

Crónica da Nossa Aldeia

1 Tinhamos um porco alentejano que nos tinham dado. Morreu.

Ele era pequeno como todos os porcos do alentejo mas pesava oito arrobas, e quasi que não cabia na pele de gordo.

2 No outro dia tudo comeu papas de sarrabulho, era exclusivo para todos até aqueles que bebem café com leite também comeram papas.

Ao pé da cozinha era um transitio de constantes vais bens que ninguém podia passar de um lado para o outro, visto todos quererem papas segunda vez.

3 Esta quinzena fala-se mais nos porcos visto estes estarem mais em foco.

Agora é o Arouca dos porcos. Vem cá um homem que foi ver os porcos e perguntou ao Arouca se queria vender o porco dele porque o Arouca tinha um porco que o Sr. P.º Américo lhe tinha dado em prémio dele os tratar muito bem como ainda os trata. O Arouca logo lhe disse que sim que queria vender o porco.

Então o homem perguntou-lhe quanto queria por ele? Este disse logo que queria cento e vinte

escudos e o homem disse que cento e vinte não cem que sim.

O Arouca mandou o homem buscar o porco no outro dia e foi dizer ao Pai Américo o negócio que tinha feito.

O Pai Américo disse-lhe que não que o porco valia mais de trezentos escudos e valeu porque depois foram à feira e venderam-no por isso.

Agora o que não sei é se o homem veio buscar o porco e se o Arouca lhe disse alguma coisa ou não isso não sei. Mas vejamos os senhores o negócio do Arouca.

4 Estamos no Outono e esta época é a própria para plantar árvores.

Nós andamos a plantar árvores para daqui a alguns anos estar tudo cheio de árvores.

Foi a Companhia Agrícola que nos deu; uma quantidade de plantas, pereiras, e etc.

5 O nosso aviário de passaros está a precisar de passaros, por isso compramos um alcapão e um pintassilgo para climar. Nós pomos o alcapão num dos nossos campos e já ficamos no alcapão três passaros e esperase que calam mais.